

# A SÍNTESE DO IOGA

*Sri Aurobindo*

## 26 – A Ação da Shakti Divina

**13.11.22**

(Parte IV – Capítulo XVII)

- A Aventura da Consciência e da Alegria -

Ciclo de Estudos da CASA Sri Aurobindo

2020 - 2022

1

Essa é a natureza da *Shakti* divina,  
que é o poder atemporal do Divino que se manifesta no tempo  
enquanto força universal que cria, constitui, mantém e dirige  
todos os movimentos e todas as operações do universo.

Esse poder universal é aparente para nós,  
primeiro, nos níveis inferiores da existência,  
como uma energia cósmica mental, vital e material,  
da qual todas as nossas atividades  
mentais, vitais e físicas  
são as operações.

Para nossa sádana  
é necessário realizar totalmente essa verdade,  
a fim de escaparmos da pressão da limitadora maneira de ver do ego  
e de universalizarmo-nos mesmo nesses níveis inferiores  
em que o ego reina com plena força.

2

A regra do Carma-loga também se aplica aqui:  
 devemos ver que não somos os autores da ação,  
 mas que é esse Poder que age em nós  
 e em todos;

não sou eu nem os outros que fazemos,  
 mas a única *Prakriti*.

O sentido do ego serve para  
 limitar, separar e diferenciar com nitidez,  
 a fim de obter o melhor possível da forma individual,  
 e ele existe porque  
 é indispensável para a evolução da vida inferior.

Mas quando queremos nos elevar mais alto,  
 a uma vida divina, superior,  
 devemos debilitar a força do ego  
 e, por fim, liberarmo-nos dele;

3

Ver que nossas ações não são nossas,  
 mas as da *Shakti* divina  
 que age sob a forma da *Prakriti* inferior  
 nos níveis inferiores do ser consciente,  
 ajuda de maneira poderosa essa mudança.

E se pudermos fazer isso,  
 então a separação de nossa consciência mental, vital e física  
 daquela dos outros seres  
 se reduz e se atenua;

as limitações das operações da consciência  
 permanecem ainda, sem dúvida,  
 mas são ampliadas e absorvidas  
 na percepção e visão mais vastas  
 das operações universais;

4

as diferenciações da Natureza,  
 suas especializações e individualizações  
 permanecem para seus propósitos próprios,  
 mas não são mais uma prisão.

O indivíduo sente que  
 sua mente, sua vida e sua existência física  
 são uma com a dos outros,  
 apesar de todas as diferenças,  
 uma com o poder total do espírito na Natureza.

Isso, contudo, é uma etapa,  
 não a perfeição completa.

A existência,  
 embora relativamente vasta e livre,  
 está ainda sujeita à natureza inferior.

5

O ego sátvico, rajásico e tamásico  
 se reduz, mas não é eliminado;  
 ou, se parece desaparecer,  
 é porque, em nossas partes ativas,  
 ele afundou nas operações universais das gunas,  
 permanece aí dissimulado,  
 e age ainda de maneira subconsciente, velada,  
 e pode a qualquer momento  
 forçar seu caminho para a superfície.

Portanto, o *sadhaka* deve,  
 primeiro, jamais esquecer,  
 em seguida dar-se conta que  
 um self ou espírito único  
 está em tudo,  
 por trás de todas essas operações.

6

Por trás da *Prakriti*, ele deve perceber  
o *Purusha* único, supremo e universal.

Deve ver e sentir não só que  
tudo é modelado pela única Força, *Prakriti* ou Natureza,  
mas que todas as ações dessa Força  
são as do Divino em tudo, da Divindade única em tudo,  
embora esteja velada, alterada ou, por assim dizer, distorcida  
– pois a distorção vem da passagem às formas inferiores –  
pela transmissão através do ego e das gunas.

Essa visão ajudará a diminuir  
as reivindicações abertas ou veladas do ego  
e, se de todo estabelecida,  
tornará difícil ou impossível para o ego afirmar-se  
ao ponto de perturbar ou impedir o progresso seguinte.

7

O sentido de ego se tornará,  
caso possa ainda intervir,  
um elemento estrangeiro, intruso,  
e apenas um vestígio da névoa da velha ignorância,  
suspenso na periferia da consciência e de sua ação.

Em seguida,  
é preciso ter a experiência da *Shakti* universal,  
é preciso vê-la, senti-la, suportá-la  
em toda a poderosa pureza de sua ação superior,  
de suas operações supramentais e espirituais.

8

Essa visão mais vasta da *Shakti*  
 nos permitirá escapar ao controle das gunas,  
 transformá-las em seus equivalentes divinos  
 e tomar posição em uma consciência  
 em que o *Purusha* e a *Prakriti*  
 serão um e não separados  
 ou escondidos um no outro ou um pelo outro.

A *Shakti*, aí,  
 será evidente para nós em cada movimento,  
 e sentiremos de maneira  
 natural, espontânea e irresistível,  
 que ela não é outra coisa  
 senão a presença ativa do Divino,  
 o aspecto de poder do Self  
 e Espírito supremo.

9

Nessa posição superior, a *Shakti* se revela como  
 a presença ou a potencialidade de uma  
 existência, consciência, vontade e deleite infinitos  
 e, quando a vemos e sentimos assim,  
 o ser se volta para ela de uma maneira ou de outra,  
 com sua adoração ou sua vontade de aspiração,  
 ou algum tipo de atração do menor pelo maior,  
 a fim de conhecê-la, preencher-se dela e ser possuído por ela,  
 de ser uno com ela nos sentimentos e na ação da natureza inteira.

Porém, no início, enquanto vivemos ainda na mente,  
 há um abismo de divisão ou então uma ação dupla.

Sentimos que a energia mental, vital e física em nós e no universo  
 deriva da *Shakti* suprema, mas que, ao mesmo tempo,  
 é uma atividade inferior e separada  
 e, de algum modo, uma outra operação.

10

A força espiritual verdadeira pode enviar suas mensagens,  
 ou a luz e o poder de sua presença acima, aos níveis inferiores,  
 ou pode descer ocasionalmente  
 e mesmo nos possuir por certo tempo,  
 mas é então misturada com as operações inferiores  
 e em parte as transforma e espiritualiza,  
 mas ela mesma é diminuída e alterada no processo.

Há uma ação mais alta intermitente,  
 ou uma operação dual da natureza.

Ou percebemos que a *Shakti* eleva o ser  
 a um plano espiritual mais alto por certo tempo  
 e depois o faz descer aos níveis inferiores.

Essas alternâncias devem ser consideradas como  
 as vicissitudes naturais de um processo de transformação,  
 para passar do ser normal ao ser espiritual.

11

Para o loga integral,  
 a transformação, a perfeição,  
 não podem ser completas enquanto  
 o elo entre  
 a ação mental e a ação espiritual  
 não for formado  
 e um conhecimento superior for aplicado  
 a todas as atividades de nossa existência.

Esse elo é a energia supramental ou gnóstica,  
 em que o poder infinito e incalculável  
 do ser, da consciência e do deleite supremos  
 formula-se como vontade e sabedoria divinas organizadoras,  
 como luz e poder no ser,  
 que modelam todo pensamento, vontade, sentimento, ação,  
 e substituem os movimentos individuais correspondentes.

12

Essa *Shakti* supramental pode formar-se como  
 uma luz e um poder intuitivos espiritualizados na própria mente,  
 e essa é uma vasta ação espiritual, mas,  
 ainda assim, mentalmente limitada.

Ou ela pode transformar de maneira completa a mente  
 e elevar todo o ser ao nível supramental.

De todo modo, a primeira necessidade nesse estágio do loga é  
 perder o ego de “autor” da ação,  
 a própria ideia de ego e o sentido de nosso próprio poder de ação,  
 nossa própria iniciativa para a ação,  
 nosso próprio controle sobre o resultado da ação;  
 tudo isso deve fundir-se na percepção e na visão da *Shakti* universal,  
 que dá origem, modela e faz voltar-se para suas finalidades  
 nossas ações e as ações dos demais,  
 e aquelas de todas as pessoas e forças do mundo.

13

E essa realização só pode se tornar absoluta e completa  
 em todas as partes de nosso ser,  
 se pudermos ter essa percepção e essa visão dela  
 em todas as suas formas,  
 em todos os níveis de nosso ser e do ser do mundo,  
 e vê-la enquanto  
 energia material, vital, mental e supramental do Divino;  
 mas todas essas energias, todos os poderes de todos os planos  
 devem ser vistos e conhecidos como  
 autoformulações da *Shakti* única,  
 espiritual, infinita em existência, consciência e Ananda.  
 Não há regra invariável segundo a qual esse poder deva,  
 primeiro, manifestar-se nos níveis inferiores,  
 em formas inferiores de energia e  
 depois revelar-se em sua natureza espiritual superior.

14

E se ele vier primeiro em sua universalidade mental, vital e física, deveremos estar atentos em não permanecermos aí, satisfeitos.

Ao contrário,  
esse Poder pode vir de imediato em sua realidade superior,  
na potência do esplendor espiritual.

A dificuldade, então, será suportar e conter o Poder,  
até que ele tenha posto suas mãos poderosas  
nas energias dos níveis inferiores do ser  
e as tenha transformado.

A dificuldade será menor se conseguirmos alcançar  
uma igualdade vasta e calma, *samata*,  
e realizar, sentir, viver  
o self único tranquilo e imutável em tudo,  
ou então fazer um dom de si genuíno e completo  
ao Mestre divino do loga.

15

Aqui, é necessário sempre lembrar os três poderes do Divino  
que estão presentes em todas as existências vivas  
e que devem ser tomados em consideração.

Em nossa consciência comum  
vemos esses três poderes da seguinte maneira:

nós mesmos, isto é, o *Jiva* na forma do ego;

Deus – qualquer que seja a concepção que tenhamos de Deus –  
e a Natureza.

Na experiência espiritual vemos Deus enquanto Self ou Espírito supremo,  
ou enquanto o Ser de onde viemos, no qual vivemos, e no qual nos movemos.

Vemos a Natureza como Seu poder,  
ou Deus enquanto poder,  
o Espírito em forma de Poder  
a agir em nós mesmos e no mundo.

16

O próprio *Jiva* é, então, esse Self, Espírito, Divino, *so'ham*,  
 porque é uno com Ele na essência de seu ser e de sua consciência,  
 mas enquanto indivíduo  
 ele é apenas uma porção do Divino,  
 um self do Espírito,  
 e, em seu ser natural,  
 uma forma da *Shakti*,  
 um poder de Deus em movimento e em ação, *para praktir jivabhuta*.

No início, quando nos tornamos cômnicos de Deus ou da *Shakti*,  
 as dificuldades de nossa relação com Ele ou com Ela  
 vêm da consciência do ego  
 que se entremeia com a relação espiritual.

O ego em nós tem exigências em relação ao Divino  
 que, embora diferentes da exigência espiritual,  
 em certa medida não são menos legítimas.

17

Mas enquanto, e na proporção em que,  
 assumirem uma forma egoística,  
 estarão abertas a muitas torpezas  
 e a grandes desvios,  
 sobrecarregadas com um elemento de falsidade  
 e com reações indesejáveis,  
 e com o mal que disso resulta;  
 a relação só poderá ser de todo  
 verdadeira, feliz e perfeita  
 quando essas exigências se tornarem parte da exigência espiritual  
 e perderem seu caráter egoístico.

De fato, as exigências de nosso ser em relação ao Divino  
 só poderão ser satisfeitas de maneira absoluta  
 quando cessarem por completo de ser exigências  
 e se tornarem a consumação do Divino por meio do indivíduo:

18

quando estivermos satisfeitos somente com Isso,  
 somente com o deleite da unidade no ser,  
 contentes em deixar o Self e Mestre supremo da existência  
 fazer tudo o que for a vontade de Sua sabedoria  
 e de Seu conhecimento absolutos  
 em nossa natureza cada vez mais aperfeiçoada.

Esse é o sentido da entrega total do self individual ao Divino,  
*atma-samarpana*.

Isso não exclui a vontade de alcançar o deleite da unidade,  
 de participar da consciência,  
 da sabedoria, do conhecimento,  
 da luz, do poder, da perfeição divinos,  
 nem a satisfação de realizar o Divino em nós,  
 mas a vontade, a aspiração, são nossas,  
 porque essa é Sua vontade em nós.

19

No início,  
 enquanto insistimos ainda em nossa própria personalidade,  
 ela apenas reflete Isto,  
 mas se tornará cada vez mais indistinguível d'Isto,  
 menos pessoal e, por fim,  
 perderá toda nuance de separação,  
 porque a vontade em nós tornou-se idêntica à *Tapas* divina,  
 à ação da *Shakti* divina.

Do mesmo modo, no início,  
 quando percebemos a *Shakti* infinita acima  
 e em torno de nós e em nós,  
 o impulso do sentido egoístico em nós  
 busca apoderar-se dela  
 e usar essa potência aumentada  
 para nossos propósitos egoístas.

20

Isso é o que há de mais perigoso,  
 pois nos dá o sentimento, cada vez mais real,  
 de um grande poder, algumas vezes titânico,  
 e o ego rajásico,  
 que se delicia com esse sentimento de uma força nova enorme,  
 pode, sem esperar que essa força seja purificada e transformada,  
 lançar-se em uma ação violenta e impura,  
 e mesmo, por certo tempo ou de modo parcial,  
 fazer de nós um *asura* egoísta e arrogante,  
 que usa a força que lhe foi dada para seus próprios fins  
 e não para os propósitos divinos;  
 se persistirmos nesse caminho,  
 a perdição espiritual e a ruína material  
 nos esperam no final.

21

E mesmo se nos considerarmos um instrumento do Divino,  
 o remédio não será perfeito,  
 pois quando um ego forte interfere na situação,  
 ele falsifica a relação espiritual  
 e, sob o pretexto de fazer de si um instrumento do Divino,  
 de fato está decidido a fazer de Deus seu instrumento.  
 O único remédio é silenciar a exigência egoística,  
 qualquer que seja,  
 reduzir com persistência o esforço pessoal e a tensão individual  
 – que nem mesmo o ego sátvico pode evitar –  
 e, em lugar de apoderar-se da *Shakti*  
 e usá-la para nossos propósitos,  
 deixá-la, ao contrário,  
 apoderar-se de nós  
 e usar-nos para o propósito divino.

22

Não é possível chegar de imediato a isso  
de maneira perfeita  
– tampouco isso pode ser feito sem perigo,  
se formos conscientes apenas  
da forma inferior da energia universal,  
pois então, como já foi dito,  
é preciso deixar-se guiar por outro controle,  
seja do *Purusha* mental, seja do alto –  
porém, ainda assim,  
esse é o objetivo que devemos ter diante de nós,  
e que só pode ser alcançado plenamente  
ao percebermos de maneira persistente  
a presença e a forma espiritual suprema da *Shakti* divina.

Essa entrega de toda ação do self individual à *Shakti*  
é, de fato, uma forma do verdadeiro dom de si ao Divino.

23

Vimos que há um meio de purificação muito eficaz:  
o *Purusha* mental se retira por trás, como uma testemunha passiva,  
a fim de observar e conhecer a si mesmo e as operações da Natureza  
em nosso ser inferior ou normal;

mas para a perfeição, essa passividade deve ser combinada  
com uma vontade de alçar a natureza purificada  
ao nível do ser espiritual superior.

Quando isso é feito, o *Purusha* não é mais apenas testemunha,  
mas é também o mestre de sua *Prakriti, Isvara*.

No início, pode ser que não vejamos como conciliar  
esse ideal de mestria ativa de si  
com o ideal, em aparência contrário, do dom de si  
que faz de nós o instrumento aquiescente da *Shakti* divina.

Porém, de fato, no plano espiritual não há dificuldade.

24

O *Jiva* não pode, na verdade, tornar-se mestre,  
ou só na medida em que se torna uno com o Divino,  
que é seu Self supremo.

E nessa unidade, e em sua unidade com o universo,  
o *Jiva* é uno também, no self universal,  
com a vontade que dirige todas as operações da Natureza.

Mas de modo mais direto, menos transcendente,  
em sua ação individual também,  
ele é uma porção do Divino  
e participa do controle de sua própria natureza,  
assim como a possui Aquele ao qual ele se entregou.

Mesmo enquanto instrumento,  
ele não é um instrumento mecânico,  
mas um instrumento consciente.

25

Enquanto *Purusha*, ele é uno com o Divino  
e participa da mestria divina do *Ishwara*.

Enquanto natureza ele é uno, em sua universalidade, com o poder do Divino,  
e ao mesmo tempo ele é, em seu ser individual natural,  
um instrumento da *Shakti* divina universal,  
porque o poder individualizado está aí  
para cumprir os propósitos do Poder universal.

O *Jiva*, como vimos,  
é o ponto de encontro do jogo do aspecto dual do Divino:  
*Prakriti e Purusha*;  
na consciência espiritual superior,  
o *Jiva* se torna, simultaneamente, uno com ambos os aspectos,  
e lá, ele os abarca e combina todas as relações divinas  
criadas por essa interação.

É isso que torna possível a atitude dupla.

26

Contudo, há uma possibilidade de chegar a esse resultado sem passar pela passividade do *Purusha* mental, por um loga mais persistente e predominantemente cinético.

É possível combinar ambos os métodos, alterná-los e, por fim, fundi-los. E aqui, o problema da ação espiritual toma uma forma mais simples.

Nesse movimento cinético há três estágios.

No primeiro, o *Jiva* percebe a *Shakti* suprema, recebe o poder em si mesmo e o usa sob a direção dela, com certo sentimento de ser o autor subordinado e de ter uma responsabilidade menor na ação

– no início, mesmo isso pode ser a responsabilidade pelo resultado, mas esse sentimento desaparece, porque vemos o resultado como determinado pelo Poder superior, e sentimos que só a ação é, em parte, nossa.

27

O *sadhaka* sente, então, que é ele quem pensa, quer, faz, mas sente também a *Shakti* divina, ou *Prakriti*, por trás, que dirige e modela todo o seu pensamento, sua vontade, seus sentimentos e sua ação: de certo modo, a energia individual lhe pertence, mas é apenas uma forma e um instrumento da Energia divina universal.

Durante certo tempo, o Mestre do Poder pode estar escondido dele pela ação da *Shakti*, ou o *sadhaka* pode perceber algumas vezes ou de maneira constante, o *Ishwara* manifestar-se nele.

Nesse último caso, três coisas estarão presentes em sua consciência: ele mesmo enquanto servidor do *Ishwara*; a *Shakti* por trás, como o grande Poder que fornece a energia, modela a ação, formula o resultado; e o *Ishwara* acima, que determina toda a ação por sua vontade.

28

No segundo estágio,  
o autor individual desaparece,  
mas não há nenhuma passividade quietista;  
pode haver aí uma ação dinâmica completa,  
mas tudo é feito pela *Shakti*.

É o poder de conhecimento da *Shakti*  
que toma forma como pensamento na mente;  
o *sadhaka* não tem a sensação de que é ele quem pensa,  
mas que é a *Shakti* que pensa nele.

Do mesmo modo, a vontade, os sentimentos e a ação  
não são mais que uma formação, operação, atividade da *Shakti*,  
na presença imediata dela,  
que toma posse completa de todo o organismo.

29

O *sadhaka* não pensa, não quer, não age, não sente,  
mas o pensamento, a vontade, o sentimento, a ação,  
acontecem em seu organismo.

Na ação, o indivíduo desaparece na unidade com a *Prakriti* universal,  
tornou-se uma forma e ação individualizadas da *Shakti* divina.

Ele ainda percebe sua existência pessoal,  
mas é como o *Purusha*, que sustenta e observa toda a ação;  
ele é consciente de sua existência pessoal  
em seu autoconhecimento  
e, por sua participação,  
permite à *Shakti* divina cumprir nele  
as obras e a vontade do *Ishwara*.

Então, o Mestre do poder às vezes está escondido pela ação do poder,  
às vezes o governa de maneira visível  
e o compele a agir.

30

Aqui também, três coisas estão presentes à consciência:  
 a *Shakti*, que exerce o conhecimento, o pensamento,  
 a vontade, o sentimento, a ação para o *Ishwara*,  
 mediante uma forma humana que serve como instrumento;  
 o *Ishwara*, o Mestre da existência, que governa e impulsiona toda a ação da *Shakti*;  
 e cada um de nós enquanto alma, *Purusha* da ação individual da *Shakti*,  
 que fruimos com ele todas as relações criadas pelos trabalhos dela.

Há uma outra forma dessa efetivação,  
 em que o *Jiva* desaparece na *Shakti* e torna-se uno com ela;  
 e há, então, apenas o jogo da *Shakti* com o *Ishwara*,  
*Mahadeva* e *Kali*, *Krishna* e *Radha*, o *Deva* e a *Devi*.

Essa é a forma mais intensa de realização que o *Jiva* possa ter de si mesmo  
 enquanto manifestação da Natureza,  
 um poder do ser do Divino, *para praktir jiva-bhuta*.

31

O terceiro estágio começa pela manifestação crescente do Divino,  
 o *Ishwara*, em todo o nosso ser e em toda a nossa ação.

Começa quando estamos conscientes d'Ele  
 de modo constante e sem interrupção.

O sentimos em nós como o possuidor de nosso ser,  
 e acima de nós como o soberano de todas as nossas obras  
 que, para nós, não são mais que  
 uma manifestação d'Ele na existência do *Jiva*.

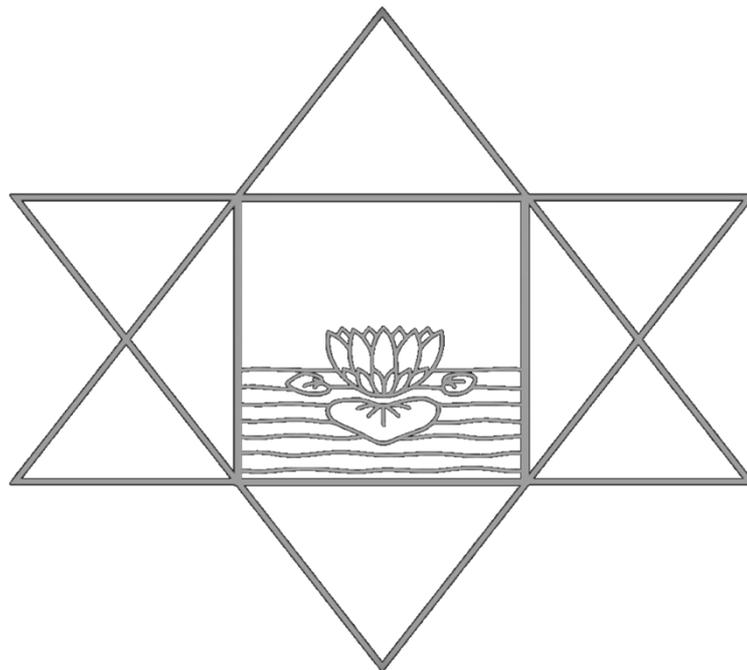
Toda a nossa consciência é sua consciência,  
 todo o nosso conhecimento é seu conhecimento,  
 todo o nosso pensamento é seu pensamento,  
 toda a nossa vontade é sua vontade,  
 todos os nossos sentimentos são sua Ananda  
 e uma forma de seu deleite de ser,  
 toda a nossa ação é sua ação.

32

Em nós, a distinção entre a *Shakti* e o *Ishwara* começa a desaparecer;  
resta apenas a ação consciente do Divino,  
e o grande Self do Divino por trás e em torno da ação, e que a possui;  
o mundo inteiro e a Natureza inteira são percebidos como somente Isto,  
mas aqui Isto se tornou plenamente consciente,  
a *Maia* do ego desapareceu,  
e o *Jiva* está aí apenas como uma porção eterna de Seu ser, *amsa sanatana*,  
emanada para sustentar uma individualização e uma existência divinas  
agora consumadas na presença e no poder completos do Divino,  
na alegria completa do Espírito manifestado no ser.

Essa é a realização mais elevada da perfeição e do deleite da unidade ativa,  
pois, mais além, só pode haver a consciência do Avatar,  
o *Ishwara* ele-mesmo,  
que assume uma forma e um nome humanos  
para agir na *Lila*.

33



34